

AUTOR

Régis Prates*

[nandoprates9@
hotmail.com](mailto:nandoprates9@hotmail.com)

* Mestre em Educação.
Secretaria Estadual de
Educação do Rio de
Janeiro (Brasil).

Uma história do samba. As origens

Una historia de la samba. Los orígenes

The History of Samba. The origins

Neto, L. (2017).

*Uma história do samba. As origens (vol. I, 1ª ed.).**São Paulo: Companhia das Letras.*

A fotografia de um tempo! Essa poderia ser a síntese de *Uma história do samba. As origens*, primeiro volume de uma trilogia que pretende narrar a trajetória do gênero musical que se tornou parte integrante da identidade brasileira. Como um fotógrafo que registra um momento com um olhar muito particular, Lira Neto apresenta ao leitor “uma história” e não “a história” do samba. Desse modo, o autor, já no título da obra, alerta-nos de que se trata de uma das visões possíveis a respeito desse vasto universo que se expande quando se tenta seguir a trajetória de uma expressão cultural. Também não é gratuito o subtítulo do livro: “as origens”, ao invés de “a origem”. Sugerindo a existência de múltiplos pontos de partida possíveis de iniciar essa história.

O ponto escolhido pelo autor é o Rio de Janeiro do final do século XIX, então capital do país. O samba retratado no livro é, portanto, o samba feito na cidade, um samba urbano que se desenvolveu nas periferias e nos morros cariocas. O autor faz uma espécie de biografia desse gênero musical contada através das trajetórias individuais dos personagens que viveram durante esse tempo que, neste livro, vai até o início da década de 1930.

A palavra *samba*, no princípio, não possuía o significado que tem hoje: sinônimo de gênero musical. Samba era o nome dado as festas, encontros, reuniões feitas por homens e mulheres, moradores das regiões pobres da cidade. E essas festas já nos são apresentadas no primeiro capítulo. Elas aconteciam nas casas e terreiros das “tias” (modo carinhoso como eram chamadas as mulheres, geralmente negras vindas da Bahia). Nas casas das tias os sambas eram fartos. Com muita comida e bebida e uma sempre empolgante batucada que varava as noites. Frequentavam esses encontros, ex-cativos, descendentes de escravizados, trabalhadores do cais do porto, pretos velhos, tocadores de tambor, boêmios e capoeiristas. As casas e terreiros dessas tias representavam espaços de socialização e proteção para pessoas que estavam sempre na mira da polícia nos anos posteriores à abolição da escravidão.

Nos capítulos iniciais, já fica evidente o contexto social das pessoas que, sobretudo depois de algumas reformas urbanísticas na região central da cidade, precisaram encontrar novos locais para habitar. Expulsas de suas casas a mando do governo, muitas famílias começaram a construir

suas moradias nos morros ou em locais mais distantes, nas regiões mais periféricas. Isso fez com que uma população que antes se concentrava na região da Pequena África – em bairros como Saúde, Santo Cristo, Gamboa, Estácio e Cidade Nova – se espalhasse pelas diversas áreas da cidade, levando consigo os rituais africanos dos terreiros e as batucadas noturnas nas casas das “tias”.

Nessa época, as autoridades brasileiras empenhavam-se em “desafricanizar” o Brasil, submeter o país a um processo de “embranquecimento”. Uma das diversas formas para conseguir esse objetivo era subjugar todo e qualquer elemento que remetesse à cultura africana, preservada pelos negros. Esse processo incluía desde fomentar a chegada de imigrantes de países da Europa, em sentido mais geral, até as perseguições diárias da polícia aos mais pobres, mais especificamente. Muitos membros das camadas populares eram enquadrados no “crime de vadiagem”. Músicos e capoeiristas eram os alvos mais frequentes. Respalhada pelo Código Penal de 1890, a polícia detinha quem não tivesse uma qualificação profissional. Essa lei recaía fatalmente sobre milhares de negros recém libertos. O fim da escravidão, em 1888 (dois anos antes da criação do Código), jogou muitos homens e mulheres a uma condição de marginalidade. O livro é recheado de episódios que detalham esse cotidiano.

É em meio a essa atmosfera tensa que vão germinar as sementes do samba urbano no Rio de Janeiro. E é nessa época que viveram figuras como Hilário Jovino Ferreira, Tia Ciata, a “santíssima trindade”: João da Baiana, Sinhô e Donga. No livro, a trajetória desses personagens, suas estratégias de sobrevivência e seus encontros são narrados de modo a fazer com que o samba fosse surgindo como um elemento que une cada um deles, o que o faz, de fato, o grande protagonista dessa história.

Os anos foram passando e as músicas que, a princípio, eram cantadas nas festas nas casas das tias, passaram a fazer parte dos carnavais que inicialmente aconteciam no formato de cordões (mais desordenados), depois ranchos (em um formato de cortejo – influência dos festejos de Reis que aconteciam no Nordeste) e blocos carnavalescos. Uma tradição que fora mantida, basicamente, pela oralidade, mas que na segunda década do século XX já tinha a possibilidade de ser registrada fonograficamente. No livro, Lira Neto nos relata como foram feitas as primeiras gravações de samba. Conta-nos a respeito da perda de certa espontaneidade que surgia com improviso presente nas reuniões nas casas das tias. Nas primeiras gravações desapareciam os instrumentos de percussão e o acompanhamento com palmas, tão típicas em seus locais de origem. O método mecânico exigia orquestrações consideradas mais “limpas”, sem muitos ruídos. Um exemplo bastante curioso é a gravação de *Pelo Telefone*, samba de autoria de Donga, que mais parece um maxixe.

Com a chegada da possibilidade dos registros fonográficos, chegou também a possibilidade de profissionalização de muitos artistas. Músicos, cantores e compositores que, em geral, viviam de outras atividades, a partir desse momento puderam vislumbrar ganhar algum dinheiro com seus talentos. Foi o que aconteceu com um grupo chamado “Os Oito Batutas”: no início dos anos de 1920, partiram em turnês internacionais. Entre esses músicos estava Pixinguinha, um jovem e talentoso flautista que, anos depois, se consagraria como um dos ícones do *choro*, um primo do samba.

Ao longo de toda essa história, que tinha como principais cenários as áreas mais precárias da cidade, sempre houve momentos em que membros das camadas mais abastadas se aproximavam da cultura popular. Fosse para um auxílio espiritual em algum terreiro de candomblé, fosse em busca de composições que pudessem fazer sucesso na voz dos cantores mais famosos da época. Os políticos que tinham bastante interesse em conquistar a simpatia da população eram algumas das figuras que hora e outra buscavam esta aproximação (cheia de segundas intenções) com a *ralé*.

PALAVRAS-CHAVE

Samba; música brasileira; cultura brasileira

PALABRAS CLAVE

Samba; música brasileña; cultura brasileña

KEYWORDS

Samba; Brazilian music; Brazilian culture

Recibido:

17.04.2017

Aceptado:

11.07.2017

Uma espécie de “mercado” foi se consolidando. O samba passou a ser moeda de troca. Vendia-se samba, comprava-se samba e roubava-se muito samba. Diversos sambas foram gravados e registrados sem que o público ficasse sabendo quem era seu verdadeiro autor, já que o conceito de autoria começava a ser pensado a partir dessa época. Nos tempos passados, essa, sem dúvida, não era uma preocupação. Os sambas eram de domínio público.

Um dos capítulos mais emblemáticos do livro é quando o autor se debruça sobre os malandros do bairro Estácio de Sá. Homens que entendendo o funcionamento do sistema da época em que viviam, baseado em uma lógica perversa que os condenava ao desemprego e a pobreza extrema, não se rendiam e arriscavam suas vidas cotidianamente. Viviam envolvidos em casos de polícia, brigando pelas ruas, vulneráveis a navalhadas, colecionavam enfermidades. Muitos morreriam de sífilis ou tuberculose. Mas, apesar das adversidades daquela vida, quando esse pessoal se juntava a festa estava formada. Exímios músicos e astutos compositores influenciaram os sambas que eram feitos em quase todos os cantos do Rio de Janeiro. Lira Neto comenta que “depois deles o samba nunca mais foi o mesmo”, e destaca a presença de Ismael Silva nesse bando, como um dos nomes mais importantes dessa geração de sambistas.

O livro segue apresentando outros importantes nomes do samba que moravam em outros bairros da cidade, o que não impedia o diálogo entre eles. É o caso de Cartola e Carlos Cachça, do Morro de Mangueira; Noel Rosa, de Vila Isabel e Paulo Benjamim de Oliveira, de Oswaldo Cruz. Esses personagens e seus respectivos bairros participariam de um importante fenômeno, que será o surgimento das famosas escolas de samba.

Os primeiros desfiles de escolas de samba, ocorridos no início da década de 1930, encerram o livro. Como uma espécie de vitória de um ritmo que desde onde se sabe é alvo de críticas e preconceitos, mas que, também desde sempre, não se deixa abater.

Uma história do samba. As origens é um livro que conta parte da história do Brasil. Escrito com muito fundamento. A cada afirmação que o autor

faz, acrescenta uma nota de rodapé informando ao leitor o local de onde surgiu determinada informação. Além dessa honestidade intelectual, quero destacar as fotografias presentes no livro que mostram os personagens dessa história tão envolvente. Uma história do povo brasileiro, contada através da trajetória de uma manifestação cultural.